



Palavra-Flecha: Entrevista com Marcia Kambeba¹

Arrow Word: Interview with Marcia Kambeba

Palabra Flecha: Entrevista con Marcia Kambeba

Erika Jane Ribeiro²

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

RESUMO

Nesta entrevista, é possível (re)conhecermos as diversas formas de apagamento das identidades e territorialidades indígenas, por meio de práticas coloniais e a força da literatura, no combate a esses aniquilamentos, como manifestação do sagrado. O anseio por esse diálogo partiu dos estudos e discussões possibilitados pela disciplina “Tópicos Especiais Epistemologias dissidentes e Literaturas transgressoras”³, do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações⁴, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), por meio dos estudos das relações entre epistemologia e literatura, destacando-se os meios literários transgressores de produção do conhecimento, mas também de um desejo íntimo de sentir mais de perto a força da palavra-flecha que é a escrita da Marcia Kambeba.

Palavras-chave: Marcia Kambeba; Pensar Decolonial; Identidade; Literatura Indígena.

ABSTRACT

In this interview, it is possible for us to (re)discover the diverse manners in which colonial practices attempted to erase Indigenous identities and territorialities, as well as the strength of literature as a manifestation of the sacred, in combatting these forms of annihilation.. The desire for this dialogue began with the studies and discussions made possible by the course titled “Tópicos Especiais Epistemologias Dissidentes e Literaturas Transgressoras” of the Postgraduate Program in Literature: Languages and Representations, of the State University of Santa Cruz (UESC), Brazil, by studying the relationship between epistemology and literature, highlighting the literary transgressive means of knowledge production, also guided by an intimate desire to feel more closely the strength of arrow-word that is Marcia Kambeba's writing.

Keywords: Marcia Kambeba; Colonial Thought; Identity; Indigenous Literature.

¹ **Marcia Kambeba** é poeta, compositora, fotógrafa, ativista do povo Omágua/Kambeba e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL-UFPA).

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), poeta em produção coletiva com outras mulheres do Semiárido baiano. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7858-0605> . Endereço eletrônico: ejribeiro@uesc.br

³ Disciplina ministrada pelo professor Alexandre Fernandes, Doutor em Ciências da Literatura (UFRJ), que nos oportunizou importantes reflexões em torno dos saberes e vozes dominantes, a partir do estudo de relações dissidentes entre epistemologia e literatura, mais especificamente de sistemas literários transgressores e da produção conhecimento.

⁴ Página oficial do programa: http://www.uesc.br/cursos/pos_graduacao/mestrado/ppgl/



RESUMEN

En esta entrevista es posible (re)conocer las diferentes formas de borrar las identidades y territorialidades indígenas, a través de las prácticas coloniales y la fuerza de la literatura, en la lucha contra estos aniquilamientos, como manifestación de lo sagrado. El deseo por este diálogo surgió de los estudios y discusiones posibilitados por la disciplina “Tópicos Especiais Epistemologias dissidentes e Literaturas transgressoras”, del Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Brasil, a través de estudios de la relación entre epistemología y literatura, destacando los medios literarios transgresores de producción de conocimiento, pero también un deseo íntimo de sentir más de cerca la fuerza de la flecha-palabra que es la escritura de Marcia Kambeba.

Palabras clave: Marcia Kambeba; Pensamiento Decolonial; Identidad; Literatura Indígena.

Apresentação

Essa conversa, tão provocadora e acolhedora, aconteceu através de videoconferência via plataforma Zoom®, por meio da qual Marcia Kambeba, poeta, compositora, fotógrafa, ativista do povo Omágua/Kambeba, compartilhou sua história e de seu povo, lançando reflexões tão necessárias e combativas a esse sistema colonial e capitalista que insiste em padronizar corpos, vivências e vozes. Antes de chegarmos às perguntas, previamente pensadas, fomos dialogando sobre os braços aniquiladores do colonialismo e os modos como eles operam também nas escritas e pesquisas acadêmicas ainda amarradas à ideia do objeto a ser descoberto e dissecado, até chegarmos às questões que foram sendo recosturadas, no curso da conversa e das emoções despertadas.

Início pedindo licença à Marcia Kambeba, ao seu povo e ancestrais para adentrar, por meio dessas perguntas, ao mais sagrado do teu espaço de saber e ser, tão especial e valioso, ao tempo em que trago algumas considerações acerca desse momento tão potente e cheio de afetos e presenças encantadas. Como sinal de respeito à sua voz e existência, aqui, é a própria Márcia Kambeba quem se apresenta.

PR: Para além das informações já conhecidas, a partir das enunciações de outras pessoas, por vezes disponíveis em biografias nas suas obras e na internet, traga-nos sua voz e de seu povo e nos diga, quem é a Marcia Kambeba?

[Inicialmente, Márcia agradece o convite, enquanto eu misturo nos olhos e sorriso a leitora encantada de suas obras e a pesquisadora que pretende não repetir marcas coloniais.]



Marcia Kambeba: Para a gente, todo espaço é de luta, mas também de resistência. Então, esse é um espaço de luta e resistência para nós, cada vez que um estudante seja ele de Graduação, Mestrado e Doutorado se debruça sobre um trabalho, uma literatura indígena. O meu Doutorado é sobre meu próprio povo, continuo falando sobre o Kambeba, mas agora envolvendo as narrativas orais, interligando territórios napo-amazônicos. Agora, respondendo à sua pergunta: Pois é, a gente vê muita coisa aí sobre a nossa biografia, criaram até uma página na Wikipedia⁵ fico grata por isso, mas as informações precisam ser certinhas. Sou Marcia Kambeba, me chamo Márcia Waina Kambeba. Então, por quê?! Uma coisa que quero consertar nessas biografias e também em tudo isso que as pessoas escrevem sobre mim é o seguinte... já li assim: “Ela se chama Marcia Vieira da Silva, seu nome artístico é Márcia Wayna” ... Não é meu nome artístico, é meu nome! Eu ganhei na justiça o direito, mas não deveria passar pela justiça, porque não é a justiça que vai provar que eu sou eu, que eu sou uma Kambeba e sim meu povo. Porque a sociedade nos empurrou para cá, no momento em que eles adentram aos nossos territórios. Sendo assim, a gente tem que pedir ali a permissão à justiça. Eu entrei por ordem judicial, ganhei a causa em 2020, então tenho e estou de posse do meu novo registro de nascimento, onde eu me chamo Marcia Wayna Kyana Kambeba. Então, esse é meu nome, o primeiro nome Márcia, o Juiz disse que não dava para tirar, o restante podia acrescentar, mas o primeiro não podia tirar.⁶ Mas não tem problema, até porque eu me acostumei com o Marcia, né? Então esse ficou sendo meu nome. Esse não é nome artístico, é meu nome de origem, meu nome verdadeiro, é o nome que foi proibido por anos, por governos e governos, e começa com o governo militar, com os militares no poder que nos proibiam de assinar nossos nomes com nome de povo, justamente para contribuir com esse processo de invisibilidade e branqueamento.

⁵ Enciclopédia online livre e multilíngue, criada por diversos colaboradores, em várias partes do mundo.

⁶ A Lei 6.015/1973 que dispõe sobre os Registros Públicos, não menciona hipóteses de alteração de prenome e sobrenome em situações que envolvam etnicidade e territorialidade dos povos originários, porém o Juiz em questão, possivelmente, valeu-se do Art. 59 da referida lei, que previa a imutabilidade do prenome, exceto em caso de grave erro gráfico, o que reforça o poder e interferência do colonizador na produção de leis e saberes e também sobre a formação identitária e liberdade dos povos originários. Felizmente, com a recém aprovação da Lei 14.382/2022, qualquer pessoa maior de 18 anos pode alterar seu prenome, independentemente do motivo e decisão judicial, conforme prevê o Art. 56 da lei vigente.

[...] ⁷ As pessoas teimam, insistem em colocar assim “Marcia Vieira da Silva”, ou eles colocam “conhecida como”, “nome artístico de”, por mais que a gente não queira, isso não é “xuremela”, faz parte da minha identidade. E isso aí funciona como um dispositivo colonial, quando a pessoa diz “conhecida como”, se intitula “nome artístico”. Que nome artístico?! Indígena não tem nome artístico não, meu povo. Indígena é indígena onde quer que ele esteja, com o nome dele, de povo. Por isso que a gente leva o nome “Kambeba” para entender a responsabilidade que nós temos de ser continuidade. Então, uma das coisas que eu quero começar dizendo é isso: que eu não tenho nenhum nome artístico. Marcia Waina Kambeba é meu nome de fato e de direito. Depois de dito isso, e corrigido esse equívoco que as pessoas estão tendo, até mesmo quando vão fazer uma biografia, eu quero dizer que nasci em uma aldeia chamada Belém de Solimões, do povo Ticuna. Não sou Ticuna de sangue, sou de pertencimento, de território. Então, tive a honra, o prazer e a graça de nascer no meio deles, em um período em que o contato chegava na aldeia Belém de Solimões, chegavam os Ticuna.

Minha avó já estava lá, desde 1972 e depois minha mãe foi para lá. É importante dizer que Omágua é o nome oficial e Kambeba é apelido dado ao meu povo pela remodelação do crânio que faziam em séculos passados. Nas minhas veias corre sangue de vários povos, a começar pelo meu pai que tem em sua origem a união de dois povos Kambeba e Kokama, e minha mãe tem em seu ser os povos Kambeba, Kokama e Witoto. Porque o pai da minha mãe é Witoto, lá do Peru. Então eu tenho três povos, quatro povos, porque os Ticunas me consideram Ticuna de pertencimento, por ter nascido no meio deles, eles me consideram alguém do povo, têm por mim carinho, têm por mim respeito e isso eu prezo muito. Até os 9 anos eu fiquei com os Ticunas, eu digo 9 e meio, porque quando completei 10 anos, eu já estava na cidade chamada São Paulo de Olivença. E comecei a estudar assim que eu cheguei lá, minha vó me colocou para estudar, portanto eu fui alfabetizada muito tarde, com 9 anos de idade para frente.

PR: Partindo dessa tua vivência na infância e a mudança para a cidade, como foi o seu processo de escolarização básica?

⁷ Trecho inaudível.



Marcia Kambeba: A primeira vez que eu senti preconceito na minha vida foi justamente aí, quando eu saio da aldeia para a cidade, porque na aldeia nós estamos com os nossos, são nossos iguais, então a gente não sente esse preconceito e na cidade não, você não brinca com fulano porque vai morder, você não brinca com beltrano porque fede, você não pode andar com outro ou a outra pessoa, porque você tá mal vestida, não está com os trajes adequados para estar perto daquele pessoal. Então, minha avó começou a me proteger muito, ao ponto de dizer “não, você vai olhar da janela, você vai ficar dentro de casa olhando da janela”. Era a forma que a bichinha tinha de eu não voltar da rua chorando, porque fizeram isso e porque, naquele momento, eu não entendia. Eu passei a entender, com o decorrer do tempo, que aquilo era uma violência, que era ruim, me prejudicava, me doía a alma, né? Então, a minha avó começou a dizer “pra você sobreviver aqui, você vai ter que ser, não igual, mas melhor que o branco.” e eu dizia, “como é que eu me torno melhor que o branco?”, “fazendo o que ele faz, só que melhor do que ele faz, com as ferramentas que ele te oferece”. A partir dali, eu comecei a entender resistência e, também, se a minha letra era um garrancho, como dizia a professora, eu comecei a fazer a melhor letra, eu comecei a imitar a letra da diretora, que era a tia Sueli Maria Tourinho de Souza, eu ia para a sala dela, e ela ia treinando a letra comigo, e eu ia observando. Nós indígenas somos excelentes desenhistas. A gente sabe imitar muito bem um desenho e eu fui imitando a letra dela, desenhando o pensamento como ela fazia e queria muito que a minha letra fosse parecida a da tia Sueli. Minha avó dizia uma outra coisa, “quando você for querer imitar alguém, imite alguém que tenha bom exemplo e o que de melhor ela possa lhe ensinar. Pegue da pessoa só o que ela tem de bom, o que ela tiver de ruim, você coloca de lado.” Aí ela dizia pra mim, “venha cá, vamos varrer o quintal de casa”, no que a gente ia varrendo ela dizia “como é que vai ficar?... As folhas bonitas a gente coloca assim, coloca bem aqui pra fazer adubo, aquelas folhinhas que não estão tão boas, nós vamos queimar. Então é isso que é o ser humano, a gente coloca de lado aquilo que quer e o que não quer, a gente queima, joga fora, de forma que você nunca vá ter que remexer naquilo ali e se impregnar com algo que é ruim.” E eu fui tomando conhecimento disso e fui colocando na minha vida, sempre procurando, como dizia minha vó, “me acamaradar” com pessoas que tinham o que me dar, que tinham conteúdo para me fazer crescer. [...] E eu comecei a ler, aprendi a ler muito rápido e com 10 anos, 11 anos, já estava lendo livros de Psicologia que eu

pegava na biblioteca do bispo da igreja católica e ele me explicava, fazia eu dizer pra ele o que eu tinha entendido da leitura, então isso foi trabalhando em mim a pessoa que eu sou hoje. E se eu sou um pouco diferente dos outros indígenas em termos de atitude e de, como é eu posso dizer, eu não estou dizendo pra ti que eu sou melhor que alguém, eu não me sinto melhor que ninguém, o que tô te dizendo é que o sofrimento e a luta me fez ser, me forjou a pessoa que eu sou hoje. Foi pelo sofrimento e pela luta que hoje consigo resistir com coragem a toda forma de adversidades que aparecem em meu caminho ... Ela [a avó], quando eu dizia “mamãe, eu queria uma bicicleta”, ela não tinha condição de me dar, mas ela, para me motivar, dizia assim: “se você passar de ano, eu lhe dou a bicicleta”. Eu passava de ano e dizia “mamãe, a bicicleta”, “fica para o ano que vem, se você passar de ano, eu lhe dou a bicicleta”. Desse jeito, eu consegui terminar o Ensino Médio, passar para a Graduação, e ela nunca me deu a bicicleta, física, no entanto, eu compreendi, mais tarde, e eu digo isso no Saberes da Floresta⁸, que essa bicicleta que eu tanto almejei, ela me deu, que foi a bicicleta do saber. Eu pedalei sem perceber, sempre pedalei a bicicleta do saber e continuo pedalando até hoje. Não existe prêmio maior que você pedalar a bicicleta do saber. E aí cheguei na Graduação, fui para o Mestrado, fiz especialização em Educação Ambiental pela Faculdade Dom Bosco, em seguida passei na Federal do Amazonas, fiz Mestrado em Geografia, tirei o terceiro lugar, sempre pedalando e sempre com a voz da minha avó dizendo aqui: “faça sempre o seu melhor, tire sempre o primeiro lugar, porque você ainda precisa ser melhor do que você é” e aí fui para o Doutorado, já aqui na Universidade Federal do Pará e tirei em primeiro lugar, fui primeiro lugar do curso todo, então, independente de cota eu fui o primeiro lugar e estou pedalando novamente essa bicicleta do saber, porque eu ainda não terminei e não cheguei onde ela queria, que era terminar o Doutorado.

PR: Complementando, sobre essa temática escolar, os saberes e a língua do seu povo faziam parte das ações educativas praticadas na escola em que você estudava? Qual o impacto disso na sua vida e do seu povo?

⁸ Livro de Márcia Kambeba lançado em 2020, pela Editora Jandaíra. A obra é o segundo título da Coleção Insurgências e é ilustrado com grafismos criados pela autora e desenhos de seu filho Carlos Augusto Kambeba.



Marcia Kambeba: Não. Nenhum, porque eu peguei um período em que falar que era indígena era o mesmo que você dar uma porrada na cara. Imagina alguém que saiu da aldeia, que chegou na cidade e que não falava que era, mas era. Então como que é essa pessoa era vista pelos professores, pelos colegas...? Eu tinha que sofrer calada, mas fazer do sofrimento a minha escada para o progresso.

PR: Partindo desse (re)conhecimento de si mesma, de sua história, bem como das estratégias colonizadoras que atravessam a questão da identidade indígena, como você pensa acerca das categorizações “índio” e “indígena” usadas para nomear os povos originários? Como você se percebe nesse processo?

Marcia Kambeba: Olha, deixa eu te falar, a gente cresceu ouvindo do não indígena que a gente era índio. Eu, assim como [se você for ouvir a fala de] Daniel Munduruku⁹, a gente sabe que a gente não é. Então, a palavra índio, se você for pegar a etimologia dela, a palavra índio vem de indeo, sem Deus, sem alma, que era como as missões olhavam a gente, como, por exemplo, Samuel Fritz¹⁰ nos via, quando chegou nessa região aqui, como ele encarava as populações indígenas. Só precisava dar uma alma, precisava batizar, precisava que eles celebrassem uma missa e que se ajoelhassem ao pé de uma cruz. Que cruz? Que Cristo? Qual Cristo, que não se via? Um Cristo que trazia a dor, que trazia a espada, a arma de carabina, que derramava sangue. Esse não é o Cristo que a gente pensa, né? Que a gente queria conhecer, mas foi isso que trouxe o invasor com a dominação. Então, desde aquela época, Deus era usado como moeda de circulação, de dominação. Então, índio traz pra nós toda essa referência ruim de apropriação de terras, de invasões, de estupro coletivo, porque era assim que as mulheres eram submetidas ao estupro coletivo. É por isso que a gente fala que não é indígena e que o Brasil nasce de um estupro coletivo e, portanto, não existe uma cara de índio, existe uma identidade que nos torna pertencentes a uma nação. Essa é uma fala minha que, vez ou outra aparece em cards, as pessoas circulando aí, mas é verdade, eu digo isso no meu

⁹ Daniel Munduruku é escritor e professor paraense, autor de 56 livros, pertencente ao povo indígena Munduruku.

¹⁰ Padre missionário tcheco, membro das missões jesuíticas pela Companhia de Jesus e cartógrafo à serviço da Espanha, teve grande participação na catequização de povos indígenas da região do Alto Solimões, na região Norte do Brasil.

documentário AY KAKYRI TAMA, que está no meu canal no Youtube¹¹. Então essa palavra a gente tenta desconstruir, tenta fazer com que as pessoas compreendam que não é correto usar. Você perguntou sobre “indígena”, [a palavra] indígena tem outra conotação, ela é europeizada, ela deriva de índio, no entanto, ela é ressignificada quando usada para falar de políticas públicas em prol de uma coletividade, aí ela tomou um outro sentido, tem outra função. Uma outra forma de entendimento se relaciona a povo originário. Sim, é muito bom chamar, quando eu não sei a que povo pertence determinado indivíduo chamo de indígena, de povo originário. Quando eu não sei se a pessoa é Kambeba, Kokama, Kaxinaua, Miranha, Juruna...etc., eu chamo aquele povo ... eu quero falar aqui dos povos originários da Amazônia, dos povos né? Porque você tá falando de uma forma geral, você está trazendo todos os povos, mas quando você quer particularizar é indígena, lá no território tal, não tribo e sim território. Aldeia deriva de aldeamento, que era justamente como os missionários jesuítas faziam, capturando indígenas de um lugar e colocando em outro, sabe? Muitas vezes juntando o Ticuna, que era inimigo de morte do Kambeba, e até o próprio Paul Markoy¹² vai dizer, “pobre Kambeba, teve que conviver com seus inimigos por um longo tempo, movidos por esses jesuítas”, né? Eram os Mayoruna e os Ticunas, os dois inimigos de morte dos Kambeba. Aí a gente tenta fazer com que, pelo menos, as pessoas sejam convidadas a um pensar diferente, crítico- reflexivo sobre como isso pode estar causando no outro um desconforto, né? Todavia ainda se usa muito aldeia para se referir ao lugar de vivência pelos próprios indígenas, porque está em nós é como compreendemos nosso lugar de resistência e coletividade.

PR: Em sua obra O lugar do saber (2020), você nos presenteia com poemas que nos transportam até as vivências dos povos originários, sua linguagem, ancestralidade e lutas. Nesse lugar de saber dos povos originários, qual é/ quais são a/s luta/s constante/s?

¹¹ **YOUTUBE.** AY KAKYRI TAMA: IDENTIDADE, CULTURA E ARTE INDÍGENA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gq7LY6Z-6U>. Acesso em: 22 jul. 2022.

¹² Pseudônimo do viajante francês Laurent Saint-Cricq, autor do livro “Viagem pelo Rio Amazonas”, versão resumida, para o idioma português, da obra publicada em 1869 pela Hachette.



Marcia Kambeba: São tantas, sabe? São tantas lutas, poxa vida, se for enumerar... Por exemplo, nós temos a questão do Território, o que está assim em foco, o que está trazendo mais sangramento, mortes, violências. O estupro ainda continua sendo uma violência utilizada pelo invasor, que na verdade muitas vezes é o madeireiro, o garimpeiro, grileiro, para amedrontar o cacique fazendo com que ele abandone aquele Território e ele usufrua dele, dos bens que tem ali. Então, as invasões de Território, o próprio Território como esse lugar importante para que as territorialidades possam acontecer, essa paz que não se tem mais nos territórios, essas políticas anti-indígenas, as PECS que estão sendo votadas aí, vez ou outra eles remexem, tentam, escavar. PECS que já estão arquivadas, eles desarquivam, mas não desarquivam projetos que venham a contribuir com a nossa causa. Isso não, mas eles sabem desarquivar, por exemplo, PECS que venham tirar nossos direitos. Nós nunca fomos bem vistos pelos governos, e eu não estou falando só de Bolsonaro, eu tô falando desde lá de trás. Tivemos aí Getúlio Vargas e os militares no poder, tivemos vários outros que vieram e nenhum deles demarcou as terras do jeito certo que deveriam ser demarcadas. Então, nós ainda lutamos muito pela demarcação de Território, lutamos contra toda forma de violência ... vou falar de roubo mesmo, de usurpação, de toda forma de pessoas que entram nos nossos Territórios e levam os nossos saberes. Seja através da oralidade, a pessoa vai lá ouve um velhinho, ele conta lá todos os segredos de determinado assunto que ela quer saber, uma planta medicinal e tal, como faz determinada erva funcionar, para que serve, ela vai embora e não volta mais e depois patenteia aquilo ali e diz que é dela. Então, tem essa propriedade material e imaterial que a gente tem que cuidar muito, porque isso é o nosso tesouro, isso pra continuidade das novas gerações vai ser importante. Então, precisamos ter muito cuidado com o que a gente vai escrever, como a própria literatura que tem que ser cuidadosa; como escrever, de que forma escrever, de que lugar eu estou escrevendo, tem que ter muito esse cuidado. Lutar para que as nossas mulheres indígenas tenham esse respeito, porque hoje a gente vive um momento muito difícil. Com o capitalismo aí, com essa disputa de território, entra nos territórios indígenas o álcool e a droga. Então, usando do alcoolismo e da droga, os indígenas vão violentar as mulheres. São várias lutas que se somam aí e a gente precisa saber como chegar em determinado povo. A própria religião, as igrejas evangélicas destruindo com a cultura, com o sagrado alheio de determinado território, é tanta coisa.

PR: Ainda sobre a obra *O lugar do saber* (2020), no poema “Resistência indígena”, que inclusive você já mencionou um trecho anteriormente, você nos diz: “Resistimos a uma guerra/ De dizimação e epidemia, /Escravidão e exploração, / Maus tratos que covardia. / Falavam em nome de um Cristo, / Qual Cristo? Não se via.” (p.34) De que modos os contínuos processos de colonização afetaram as crenças e rituais do seu povo? Ainda é possível uma reversão desses efeitos?

Marcia Kambeba: Quando eu nasci na aldeia Belém de Solimões¹³, já era em um período que a igreja católica estava lá, mas eu peguei um período em que chegava a Santa Cruz e um homem chamado Irmão José. Então eu já menina de 8 anos, vi um indígena Ticuna tentar suicídio, mas não conseguiu, porque eu cheguei, corri e avisei a minha avó e ela foi lá, fez o atendimento e ele viveu, tanto que tá vivo até hoje. Os Ticunas têm um alto índice de suicídio, aí o rapaz falou para minha vó assim “senhora, eu querendo me matar, porque minha família toda se converteu à Santa Cruz e eu não quero, então prefiro morrer do que me converter à Santa Cruz”. Ele ia se matar, porque ele não queria se submeter a um processo de dominação de uma religião sobre a outra. E como essa situação ocorrida com ele, muitas outras situações aconteceram, nesse processo em que a Santa Cruz chegava e a dominação se dava, quando ele fincava a cruz, repetindo aquela lá do primeiro contato. Ele [*Irmão José*] era um homem que usava uma veste longa, uma barba grande, é o que eu tenho a lembrança e carregava essa cruz nos ombros e onde ele chegava, fincava e determinava que, a partir dali aquele pessoal pertencia à religião dele, e eu vi isso acontecer muito forte dentro do povo Ticuna, na época em que eu nasci.

Logo a primeira coisa que é impactada são os rituais, logo o demônio toma conta de determinado ritual, determinado instrumento musical, o tambor, a maraca, são endemoniados, vão abrir o portal que chama os espíritos ruins, porque foi assim lá atrás que o Samuel Fritz fez, quando ele endemoniou Guaricaya, que era o espírito que incorporava no pajé Kambeba e fazia a cura física e espiritual. Então, porque ele sentia medo, e ele mesmo diz isso, porque era estranho para ele, preferiu chamar de demônio, então proibiu determinados rituais. Muitos

¹³ Localizada em Tabatinga, Amazonas.



rituais indígenas bonitos, importantes na cosmologia dos povos, foram completamente extintos, porque para os padres jesuítas e as companhias religiosas da época, era demoníaco, era feio, dava medo. E assim, quando as religiões entram hoje nos territórios, elas primeiramente tiram a espiritualidade central da aldeia que é o pajé, logo ele vai virar pastor para poder elas conseguirem dominar. Então, a gente vê, muda o comportamento da aldeia, porque, se andavam nus, já vão andar de roupas; se os cabelos eram compridos nos homens, já vão ter que cortar; se os homens andavam de bermudas, sem camisas, agora já vão ter que andar de calça social e blusa social ou gravata, porque aquela religião anda assim, ou seja já modifica completamente a vivência de um povo, já interfere na territorialidade do povo, isso pra mim que é demoníaco, porque quando você não respeita o sagrado do outro, quando você não respeita a alteridade do outro, quando você não respeita a identidade do outro, você não respeita o ser; vivência, identidade, cultura, território, tudo isso faz parte da nossa essência. Quem disse que os indígenas não têm o seu sagrado? Claro que têm. Muitos vão chamar de Nhanderu, outros Senerú, outros Nhandeci; o Kambeba vai chamar de Tana Kanata Ayetu, que significa “nossa luz radiante”, que quem é? Não é Deus, que Deus é uma construção que não está na nossa cosmologia, não está no nosso entendimento de mundo. Deus é uma construção que veio de fora para dentro, e quando chegou aqui, trouxe toda essa violência, não deu pra gente um sossego devido. Eu não tô falando de um Deus espiritualidade, mas de um Deus que já veio com a violência do homem, com a ganância do homem, que eu acho que não é um Deus que, de fato, faz parte de uma casa comum, de um ser integral. Então, a gente já tinha aqui um bem viver, e esse bem viver não foi levado em consideração, ele não foi sequer observado pelo invasor que chegou aqui com o seu sagrado, com a sua religião. E aí é quando eu faço um trabalho nas aldeias, onde eu digo a cultura tem que tá junto com a identidade, com o pertencimento e não é o outro que vai dizer, que vai lançar o maraca, bater o tambor, vai prejudicar a sua vivência de povo. Não é porque você aceitou Jesus que agora você vai deixar de praticar os rituais, que são momentos únicos de reavivamento da tua identidade, da tua essência, do teu pertencimento, do seu ser Kambeba, Kokama, Kaixana ... Tu não podes permitir que alguém, que veio de não se sabe onde, determine o que você deve ou não fazer, como você deve ou não agir. E aí os parentes compreendem, e eu começo a mostrar para eles, em sala de aula, que identidade, cultura, memória, história, narrativas, elas

são intrínsecas, estão dentro, não é o fato de aceitar Jesus que vai tirar de mim aquilo que eu tenho, a minha essência. Eu não posso deixar ninguém apagar a minha vela e acender com a sua chama, porque a minha chama tem que estar sempre acesa, sempre fortalecida e quem fortalece a minha chama é o meu parente e a minha parenta, um fortalece a chama do outro, de forma que ninguém, nenhum branco (quando eu falo de branco é o outro antropológico, não é cor de pele), venha de fora dizer se o que eu estou fazendo tá certo ou tá errado, porque eu sei, se eu tenho convicção de quem eu sou, se eu tenho certeza da minha identidade, do meu pertencimento e da responsabilidade que pesa em meus ombros de ser uma liderança, eu não vou deixar jamais que a minha chama se apague. Eu vou cuidar dela, vou proteger de todas as formas para que nenhum vento, nenhum sopro estranho apague o que tá dentro de mim. Quando eu digo isso, e faço eles reviverem na prática determinados rituais, eles compreendem o que é territorialidade, território e a vivência disso tudo dentro de uma aula, que muitas vezes dura uma semana, mas que é o suficiente para que eles entendam, que podem até aceitar o Jesus do outro, mas sua cultura não pode ser apagada.

***PR:* As ciências e ideologias vigentes, em regra de base ocidental e colonial, tenderam, ao longo dos tempos, a conceituar de modo limitado e estático os sujeitos e suas identidades, enquadrando-os compulsoriamente em rótulos e teorias anuladoras. Essa conexão com a nossa essência seria uma forma também de descolonizar o olhar?**

Marcia Kambeba: Eu vejo por aí, mas só vai acontecer quando o ser humano, e eu não estou falando agora só de indígena, mas de uma forma geral, porque, veja bem, se eu perguntar pra você qual é sua identidade? Qual o seu pertencimento? Qual é a cultura que você abraça? Quantas identidades estão dentro de você e por qual delas você luta, você se embrenha e vai até o fim. Você de certa forma vai demorar um tiquinho para me responder, mas eu não. Se você fizer essa pergunta de lá pra cá, eu vou dizer é a questão ambiental, porque sou ambientalista, é porque eu penso que o ser intrínseco do ser humano tem que estar junto com a natureza, e isso tem que ser fortalecido, porque ela é uma parente, um parente, é um sujeito de direito. Com a causa indígena, com a causa da mulher, sabe? Com a causa LGBTQIA+, porque os meus parentes estão morrendo na aldeia, também por isso. Com a causa da mulher,



porque Bertolina¹⁴ e Gregória¹⁵ foram estupradas antes de serem esquartejadas, arrancaram as suas línguas, coroaram elas com espinhos e arrastaram seus corpos pelas ruas de La Paz, enquanto eram preparados os monumentos onde seus corpos iam ser colocados, monumentos de resistência indígena. Essas mulheres morreram para que outras mulheres pudessem estar lutando, essas mulheres não morreram em vão, o sangue derramado delas tem que ser um sangue de resistência, que outras mulheres que derramaram também seus sangues, essas que estão vivas, possam valorizar cada gota derramada no chão. Então, eu penso que sim, eu penso que descolonizar o olhar é isso, mas eu só posso descolonizar o olhar quando dentro de mim há essa mudança. A gente precisa primeiramente mudar o nosso modo de ver, pensar e de agir, porque se eu não consigo mudar isso dentro de mim, eu jamais vou entender decolonialidade. Porque daí é muito fácil falar pra você, é muito bonito eu falar, aqui, pra ti mil palavras maravilhosas, que daqui, quando eu fechar esse computador eu não vou estar agindo, vai ser diferente, meu comportamento vai ser outro. Hoje, se você perguntar se eu tenho algum sofrimento, eu tenho vários e um deles é ver que os parentes não estão conseguindo enxergar para além do que precisa ser enxergado. Porque se a gente não conseguir enxergar esse algo a mais, eu temo que a gente vai sofrer um momento muito difícil de dizimação, não no sentido de corpo físico, meu corpo pode estar vivo, mas o meu pertencimento, a minha identidade, essa já não vai ser a mesma, já não vai estar comigo, não vou ter continuidade, sabe? Então, é compreender pertencimento, é protagonizar os espaços. Eu tô vendo muito isso, sabe? Eu sempre digo para os meus parentes, o holofote é para a causa, não é pra Marcia Kambeba; quem tem que aparecer, antes de mim, é a causa que abraço, que luto, que levanto, que vou. Se você me ver em um filme, é porque eu sou atriz, em um roteiro, é porque eu tenho que roteirizar, porque tenho que sobreviver. Eu aprendi a pegar a arte do branco, mas ressignificar e devolver pra ele, de forma que ele vai abraçar e ainda vai agradecer. A gente tem que entender isso, porque se a gente não entender isso, não vai conseguir nunca chegar nos lugares pisando no passo da paca. Precisamos saber ser remanso e também banzeiro. Hoje eu estava mais cedo num evento online, onde falei sobre

¹⁴ Bertolina Sisa, indígena boliviana da etnia Aimará, comerciante e guerrilheira que liderou as lutas no levante contra o colonialismo espanhol, no século XVIII.

¹⁵ Gregoría Apaza Nina foi uma revolucionária indígena Aimará, lutou juntamente com seu irmão Túpac Katari e sua cunhada Bartolina Sisa, contra as autoridades espanholas no Alto Peru.

literatura indígena e falou, depois de mim, um sertanista que desconstruiu literalmente toda a minha fala, dizendo que a literatura indígena vinha para prejudicar a oralidade na aldeia. Mas onde já se viu? Se os próprios parentes, idosos, pedem para que a gente registre. Oralidade da escrita nada mais é do que o desenho do pensamento da escrita de qualquer pessoa. E a literatura indígena nasce para lutar contra o preconceito, contra o racismo, ela não nasce para lutar contra a oralidade, jamais ela será isso. Quem fala de oralidade indígena tem que ser o indígena. A poesia indígena é o ancião falando na sua oralidade. A poesia nasce justamente pra fazer com que você, não indígena, junto com a gente, entre numa conexão, interligando mundos. Jamais a minha poesia vai querer bater com a tua oralidade, vai querer anular o seu pensamento. Eu acho que a gente precisa interligar esses mundos e a começar essa mudança de pensamento, olhando o outro como ele quer ser olhado, olhando o outro com outros olhos que não seja o nosso olhar europeu, eurocêntrico, de querer ver o outro com aquele olhar que a gente quer. Então, hoje a minha preocupação é muito grande de como nós mulheres estamos mostrando nosso ser mulher, o que é ser mulher no século XXI? Como é ser mulher no século XXI? [...] ¹⁶ O que eu quero dessas meninas novas, de hoje, é que elas sejam continuidade de um legado sério, que venham e que nasçam novas escritoras mulheres indígenas, novos homens escritores, porque eu não penso só na literatura feminina, eu penso na literatura indígena. E quando eu penso na literatura indígena ela abarca um todo, ela não fatia, pra mim é assim...

[Ainda sobre ser mulher indígena] É preciso se respeitar, também, no modo de ver o seu corpo como esse grande território onde as territorialidades também acontecem. Quer ver? Essa pulseira aqui que estou usando é Tembé, esse colar também é Tembé [colar e pulseiras marrons com grafismos próprios do povo Tembé]. “Ah, porque você não usa o colar do teu povo?”, porque foi presente que eu ganhei, e que faço referência. Nunca digo que isso é Kambeba, jamais. Eu digo sempre que é do povo Tembé, porque é uma referência daquele povo. Então vejo que assim, saber usar os espaços é necessário e saber usar com cautela e

¹⁶ Trecho inaudível.



prudência, porque de todos os lados nós estamos sendo atacados, até mesmo quando se trata de mídia.

***PR:* Sinto sua literatura como uma mata repleta de vozes, corpos, entidades e memórias que refletem todo o confronto e resistência às bases coloniais dominantes. Seria essa produção literária, assim como a de outros/as autores/as indígenas, também uma flecha lançada na luta contra o apagamento das identidades, uma flecha voz-mulher?**

Marcia Kambeba: A literatura como um todo ela é assim, como você coloca, a literatura indígena como um todo é essa flecha, eu digo isso no documentário AY KAKYRI TAMA. É uma flecha que acerta o coração de forma a causar reflexão. Então, o nosso arco e flecha, hoje, deu lugar à caneta, ao papel, por isso que a gente consegue chegar com mais facilidade, atingir com mais facilidade. É uma flecha que não sangra, mas que te convida, e que te movimenta e acerta diretamente, ela tem um alvo certo que é a mente e aí que vai atingir o coração. Primeiro, ela tem que causar na gente reflexão, pra depois trazer algum sentimento de mudança, seja no sentido de se sentir parte integrante na luta com os povos, seja no sentido de se sentir apenas uma pessoa que contribui, que colabora, divulgando. Nós temos pessoas não indígenas que estão com a gente na luta, de uma certa forma que sentem com a gente a dor do outro, porque parente é aquele que sente a dor do outro. Então, a nossa literatura é assim, essa flecha, que acerta os nossos corações, porque primeiramente ela vai causar uma reflexão e uma mudança, proporcionando uma mudança de comportamento, de visão de mundo. Por que não? Uma mudança da forma como você sente o outro, não somente vê, mas acolhe e abraça o outro, mas também depende muito, sabe? Porque, muitas vezes, nós estamos em um momento que os povos originários estão muito no foco da mídia, por conta das invasões de terra, por conta de um desgoverno que é o Bolsonaro, que tá fazendo o que tá fazendo. Que se intitulou inimigo dos povos indígenas, por conta também do que aconteceu com Bruno e Dom¹⁷, né? Mas o que aconteceu com Bruno e Dom acontece todo dia. Infelizmente, todo dia tem gente morrendo, ativista morrendo. Esse caso teve foco por conta

¹⁷ O indigenista Bruno Pereira e o jornalista inglês Dom Philips foram mortos em 05 de junho de 2022, no Vale do Javari, região amazônica atacada pelo garimpo e pesca ilegal, além do tráfico de drogas e roubo de madeiras.

do Dom, porque se fosse somente o Bruno morrendo lá dentro do Javari¹⁸, ele seria mais um a morrer lá, mas o Dom era um estrangeiro, era um jornalista que foi lá fazer uma matéria, uma cobertura, uma pesquisa e acabou morrendo de forma brutal, sendo esquartejado e se, mesmo assim, o país¹⁹ do Dom não tivesse pressionado o Brasil, ele também teria ficado pra lá, por que eu chamo a parte dali como a “Amazônia dos esquecidos”, que pega todo o Alto Solimões, porque ali o pessoal fala que é terra sem lei, que quem manda é o tráfico, é o narcotráfico, é o garimpeiro. É isso, mas por que nós não temos uma política pública que de fato vá atuar ali, sabe? Então, quando a gente começa a escrever, a gente começa a denunciar, a nossa literatura também denuncia, como também anuncia, chama para uma mudança de comportamento, como ela também te transporta, como você diz. “eu me sinto transportada”, porque quando a gente lê por ler, pouco importa, né? Eu vou ler e vou achar bonito, mas quando a gente lê se colocando no lugar do que está lendo, a gente é levado, porque toda literatura pra mim é sagrada e tem um porquê de existir, ninguém escreve por escrever. Muitas vezes me acontece isso, a pessoa me pede, numa urgência, um poema, eu baixo aqui escrevo e mando, outras vezes sou guiada por algo maior que me movimenta, que me deixa num estado de transe. Escrevo 10, 15 textos num intervalo de duas horas, uma hora e meia, quando vejo já escrevi e aí vou organizando e depois vou só corrigindo uns erros, porque é muito rápida a digitação. O que é isso senão a espiritualidade te orientando, te guiando, como e pra onde você deve escrever e o que você deve escrever? Por isso que eu respeito toda a produção de todo parente, porque eu sei se eu escrevo assim, com certeza outros também têm a mesma forma de escrita, talvez não contem por algum motivo, mas eu deixo aqui a minha registrada, porque muitas vezes nada é meu, é da espiritualidade, eu só sou um fio condutor que faz chegar aonde tem que chegar. Eu não toco instrumento nenhum, mas componho músicas. E as pessoas, os músicos, me perguntam “como é que você compõe, que vai pra cá, vai pra ali, é tonante, semitonal, bitonal?” Eu respondo, “olha, eu não entendo disso, porque eu não sou da música, eu simplesmente componho aquilo que sou orientada a fazer.” Se a espiritualidade me manda, me ilumina, me conduz, eu me deixo conduzir e aí eu vou

¹⁸ Terra indígena localizada nos municípios de Atalaia do Norte e Guajará, no estado do Amazonas e quem tem sido de palco de vários conflitos.

¹⁹ Reino Unido.



começando a produzir e a música vai saindo, eu vou sonhando, eu vou fechando os olhos, eu vou me deixando ser esse fio condutor e aí a gente vai conseguindo fazer com que a nossa escrita, que é sagrada, alcance o sagrado de quem tá lendo, porque é só nas junções dos sagrados, que a gente vai conseguir mudar esse mundo, vai segurar o céu...[*Entre lágrimas nossas*] Como diz o Kopenawa²⁰ e vai adiar o fim do mundo²¹, como diz o Ailton Krenak. A gente só consegue segurar o céu quando a gente consegue ser esse céu também, então se cada um conseguir ser um pouco desse céu que o Davi Kopenawa tanto quer segurar, a gente vai conseguir.

[Muita emoção]

PR: Mais uma vez agradeço pela vivência desse momento ímpar, carregado de energia, saberes, e dessa força tanta. Para concluirmos esse momento e plantarmos reflexões futuras, sintá-se à vontade para nos falar sobre o que lhe toca, nesse momento, e que não foi indagado por mim.

Marcia Kambeba: Que consigamos mudar o mundo, no sentido de melhorar o clima, de conservar a natureza, conservar a biodiversidade, nos sentindo natureza também, nos sentindo biodiversidade, intrínsecos a ela, e criando raiz, porque a gente ainda não conseguiu criar raiz nem com nosso lugar, imagina com o ser do outro. E eu acho que isso tudo é fundamental para que a gente compreenda que a nossa escrita, que a nossa produção, seja ela acadêmica, seja literária, precisa ser transformadora. Assim, que a tua produção escrita também consiga transformar outras mentes que vão lê-la. É pra isso a gente tá aqui. A gente não tá aqui só pra defender o Doutorado, o Mestrado e tampouco uma Graduação; a gente está aqui pra fazer a diferença com isso. A academia, pra nós, tem que ser um diferencial para nossa humanização, para que a academia nos humanize ou a gente humanize a academia cada vez mais.

²⁰ Xamã Yanomami Davi Kopenawa que apresenta a profecia do fim do mundo, a partir de mitos yanomami, na obra *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, (2019) escrito por ele e Bruce Albert.

²¹ Referência à obra *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), de Ailton Krenak, líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro do povo Krenak.



Referências

KAMBEBA, Márcia Wayna. O lugar do saber. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. Disponível em: <https://olma.org.br/wpcontent/uploads/2020/06/olugardosaber> Acesso em 02 jul. 2022.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Ay Kakyri Tama - Eu moro na cidade. Manaus: Grafisa Gráfica e Editora, 2013.

Entrevista